

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO EM EAD: PRÉ-CONSTRUÍDOS EM DISCURSOS DE FORMADORES DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA*

Raquel Tiemi Masuda MARECO¹
André William Alves de ASSIS²

RESUMO: Tendo em vista o aumento da procura por cursos na modalidade a distância e, conseqüentemente, da demanda por professores com qualificação para atuar nessa modalidade, temos por objetivo observar as identidades que se materializam no discurso de professores do curso de Especialização em Língua Inglesa oferecido pela Rede São Paulo de Formação de Docente (REDEFOR), ao falarem sobre a relação professor-aluno na educação a distância. Com base nos discursos produzidos, utilizamos o conceito de pré-construído, postulado por Michel Pêcheux, para compreender e analisar como ocorre o processo de construção de identidades desses profissionais. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas em arquivo de áudio e, posteriormente, transcritos e analisados. Por meio das análises, pudemos observar que o pré-construído de que em EAD a relação professor-aluno é distante, fria, se materializou no discurso da maioria dos professores entrevistados, demonstrando uma expectativa, por parte dos professores, de se ter um relacionamento igual ou semelhante ao que ele tem com os alunos na modalidade presencial.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; educação a distância; professor de língua inglesa.

Considerações iniciais

A educação a distância (EAD) é uma modalidade que cresce cada vez mais, atraindo os mais diversos públicos e necessitando de profissionais cada vez mais qualificados para dar conta da nova demanda. Esses profissionais se encontram em um momento de repensar sua prática, adaptá-la para esse novo mercado. Conforme Lowes (2008), essas mudanças tiram o professor de sua zona de conforto:

Assim como imigrantes que deixam o conforto cultural de sua sociedade natal e se mudam para lugares com diferentes culturas e práticas sociais, aqueles que lecionam online deixam a familiaridade da sala de aula presencial pelo terreno inexplorado do ambiente virtual, cujas restrições e acessos muitas vezes levam a diferentes práticas (LOWES, 2008, p. 1, tradução nossa³).

Nesse contexto de mudanças, a relação professor-aluno, frequentemente alvo de investigação de pesquisadores que trabalham com educação, passa a ser cada vez mais estudado nessa nova modalidade de ensino. Acreditamos que o desafio da interação constante e diversificada em um novo ambiente propicia a propagação de estereótipos e pré-construídos sobre a relação entre

* XI EVIDOSOL e VIII CILTEC-Online - junho/2014 - <http://evidosol.textolivre.org>

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) na linha de estudos do texto e do discurso. Possui licenciatura plena em Letras (português/inglês) e especialização em Ensino de Língua Inglesa. Integra o Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos (GEPOMI-UEM) e o projeto Práticas discursivas político-midiáticas na contemporaneidade.

² Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/ FAPEMIG). Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2013) na linha de estudos do texto e do discurso. Integra o Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos (GEPOMI-UEM) e o projeto Citações e Textos-fórmula na imprensa.

³ Much like immigrants who leave the cultural comfort of their home societies and move to places with very different cultures and social practices, those who teach online leave the familiarity of the face-to-face classroom for the uncharted terrain of the online environment, whose constraints and affordances often lead to very different practices. (LOWES, 2008, p. 1).

professor e aluno, construindo identidades para esse “novo” professor, profissional que sempre teve sua identidade em crise e, por isso, busca, por sua constituição identitária frente a essa nova prática.

Diante disso, traçamos como objetivo neste trabalho observar as identidades que se materializam nos discursos de professores. Para isso, selecionamos falas de professores sobre a relação professor-aluno em EAD que atuaram como formadores no curso de Especialização em Língua Inglesa oferecido pela Rede São Paulo de Formação de Docente (REDEFOR)⁴. Com base nos discursos produzidos, utilizamos o conceito de “pré-construído”, postulado por Michel Pêcheux (1983), para que possamos compreender e analisar como discursivamente ocorre o processo de construção de identidades desses profissionais. Seguindo os pressupostos da análise de discurso francesa, não cabe a nós julgar se um dado posicionamento está correto ou incorreto. Analisamos, portanto, os efeitos de sentido que o discurso produz.

Nosso trabalho está assim estruturado: Inicialmente, fazemos um breve relato histórico sobre o uso da sigla EAD e suas definições. Em seguida, comentamos sobre o conceito de pré-construído e outros complementares a ele. A seção seguinte apresenta nosso percurso analítico. Terminamos nosso texto com algumas considerações possibilitadas pelo trajeto e discussão realizada.

1 A Educação a distância

EAD é utilizada por alguns como sigla de Educação a Distância, e por outros como de Ensino a Distância. Segundo Mill (2009), o termo ensino a distância pode remeter a uma visão tradicional, na qual o foco está na emissão de conteúdos e no professor. “O centro do processo está no ensino e desvaloriza-se a aprendizagem (mesmo que involuntariamente)” (MILL, 2009, p. 31). Já quando EAD é entendida como educação a distância, percebemos uma visão sociointeracionista, “destacando o processo de ensino-aprendizagem, o estudante e a construção compartilhada do conhecimento, possível pelas interações dialógicas entre os diferentes participantes desse processo” (MILL, 2009, p. 30-31). Como nosso trabalho privilegia o ensino e suas relações sociais em interação, adotamos a sigla EAD como correlata à “educação a distância”, mais adequada a nossa proposta.

Quanto à definição de EAD, Moore e Kearsley (2007, p. 2) explicam que educação a distância pode ser compreendida como “o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local do ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais”. Embora esteja em foco nos tempos atuais, a educação a distância já tem um longo percurso na sociedade, os autores mencionam cinco fases que permite um olhar para a história da educação a distância, a saber: 1) a de cursos por correspondência; 2) a de transmissão por rádio e televisão; 3) a de transmissão por universidades abertas; 4) a de transmissão por teleconferência; e 5) a fase da internet/web (MOORE; KEARSLEY, 2007).

Atualmente, algumas abordagens de ensino-aprendizagem em EAD foram identificadas e categorizadas, como a *Broadcast*, “que usa os meios tecnológicos para entregar a informação aos aprendizes” (VALENTE, 2003, p. 140), não havendo interação professor-aluno; a *virtualização da escola tradicional*, que mantém o professor no centro do processo de ensino-aprendizagem; e o *estar junto virtual*, abordagem na qual o professor e aluno vivenciam juntos o processo de construção do conhecimento (VALENTE, 2003).

O curso REDEFOR que nos serviu de campo de coleta aplica a abordagem do estar junto virtual⁵. Embora nem todos os cursos ofertados em EAD aplique efetivamente a abordagem do estar junto virtual, a maioria deles busca utilizá-la, pois, muitos estudos demonstram as vantagens de sua aplicação.

⁴ As falas foram gravadas em arquivo de áudio. Esse arquivo foi coletado por meio de uma entrevista semiestruturada. Detalharemos mais questões metodológicas na seção de nosso percurso analítico.

⁵ Apesar de não estarmos avaliando, neste trabalho, as metodologias e abordagens de ensino em EAD, julgamos necessário explicitar em qual delas o curso que nos serviu de corpus se enquadra.

2 Pré-construído

O conceito de pré-construído postulado pela vertente pêcheutiana de análise do discurso (AD) pressupõe outros dois conceitos essenciais para sua compreensão: o de memória discursiva e o de interdiscurso.

Em AD, quando mencionamos o termo memória, não nos referimos à memória cognitiva de um sujeito empírico, mas de uma memória social, coletiva, discursiva. Nesse sentido, Fernandes (2007, pp. 60-61) afirma que “não estão em questão as lembranças que cada sujeito tem do passado, mas sim a existência de um mundo sociocultural, com formas de trabalho, de lazer, etc., específicas”. Pêcheux (1983, p. 263) define a memória discursiva como “aquilo que, frente a um texto aparecendo como acontecimento a ler, vem reavivar os ‘implícitos’ necessários para sua leitura: a condição do lisível com relação ao próprio lisível”.

Já em relação ao interdiscurso, segundo Fernandes (2007, pp. 65-66), trata-se da “presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva”. Possenti (2009, p. 381) esclarece que o interdiscursos se apresenta “sob diversos nomes — polifonia, dialogismo, heterogeneidade, intertextualidade — cada um implicando algum viés específico”. Sobre o pré-construído, o autor explica que se trata de “um traço, no discurso, de um discurso anterior, que produz um efeito de evidência; é, por um lado, o já dito, e, por outro, o que é uma verdade para uma FD” (POSSENTI, 2009, p. 385).

Esses três⁶ conceitos são mutuamente complementares para a construção de sentidos. Em suma, a memória discursiva pode ser compreendida como um mecanismo que traz à tona discursos que não estão explícitos no texto, mas que fazem com que os seus sentidos pareçam óbvios. O interdiscurso seria vozes presentes num dado discurso. Por sua vez, o pré-construído seria concepções, materializadas num discurso, retomadas pela memória discursiva, o que faz com que o discurso em questão produza um efeito de evidência. São categorias, portanto, que nos permitem pensar as diferentes identidades que se materializam nos discursos de professores.

3 Percorso analítico: pré-construído em discursos de formadores

A pesquisa em questão iniciou-se com a aplicação de questionário⁷ e a realização de entrevistas com professores de inglês atuantes na modalidade a distância no curso de especialização em língua inglesa, ofertado pelo REDEFOR (Rede São Paulo de Formação Docente) para professores de inglês de escolas públicas estaduais de São Paulo.

O projeto REDEFOR é uma parceria da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (Seesp) com as três universidades do estado de São Paulo: a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O referido projeto visa a oferecer formação continuada gratuita por meio de cursos de especialização *latu sensu*, na modalidade EAD, para professores e gestores da rede pública do estado de São Paulo. Esses cursos objetivam, também, proporcionar um contato maior desses professores com as teorias mais recentes relacionadas ao processo ensino-aprendizagem dentro das mais diversas disciplinas escolares.

Os polos de trabalho dos professores formadores foram alocados em Marília-SP, contando com 11 profissionais, e Assis-SP, com 10. Para nossa pesquisa, foram abordados os 10 formadores atuantes em Assis, dos quais três se recusaram a participar da pesquisa, resultando num total de sete participantes. A escolha e restrição a este polo e não ao outro se justifica por o polo de Marília-SP não ter um local (espaço físico) permanente e atuar em espaços provisórios e, algumas vezes, os docentes trabalham em espaços diferentes uns dos outros, o que dificultaria o acesso a esses profissionais.

⁶ Alguns autores consideram interdiscurso e pré-construído como sinônimos.

⁷ Não detalharemos o questionário por nós aplicado, por não o utilizarmos no recorte deste artigo.

Realizamos uma entrevista, com perguntas abertas com os professores acima mencionados. Trata-se de uma entrevista estruturada, que é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas (MARCONI; LAKATOS, 2003). Esse tipo de entrevista nos proporcionará respostas às mesmas perguntas. As entrevistas foram gravadas em arquivo de áudio, transcritas, tabuladas e analisadas.

Apesar de a entrevista conter oito perguntas, o recorte que nos serve de *corpus* neste artigo privilegia as respostas dadas pelos sete participantes a apenas uma: “Fale sobre as semelhanças e diferenças entre as modalidades presencial e a distância no que se refere à relação professor-aluno”. Reconhecemos, conforme Mill (2009, p. 41) que, considerando-se a influência da mediação tecnológica, “é possível observar mudanças profundas na própria relação social na ‘sala de aula’”. Entretanto, não é nosso objetivo discutir quais são essas diferenças, mas analisar discursos, de sujeitos professores a distância, sobre elas.

Ao falarem sobre essa questão, os tutores, que chamaremos de professores formadores⁸ (PFs), deixam materializar em seus discursos pré-construídos instaurados na memória coletiva que, devido a sua recorrência e disseminação, atribuem identidades para esse sujeito professor que ocupa sua sala em um novo ambiente, o virtual.

Nas respostas ao pedido para que falassem sobre as diferenças e semelhanças entre lecionar inglês nas modalidades presencial e a distância, especificamente no que se refere ao relacionamento professor-aluno. No discurso de praticamente todos os professores, foi possível observar o pré-construído de que a interação presencial é considerada próxima, calorosa, já a interação presencial é reconhecida como fria, distante.

Por se tratar de um modo de interação assíncrono, no qual cada integrante interage a seu tempo, pré-construídos de que na EAD a relação professor-aluno é distante se materializam no discurso de alguns PFs, como podemos observar nos dois exemplos a seguir.

No curso presencial, eu acho que o relacionamento é muito mais próximo, entre professor e aluno [...]. (PF2).

No curso presencial, há um maior contato, mais conversa com os alunos, inclusive de assuntos externos à sala de aula, a vida familiar, etc. Na modalidade a distância, além de as falas ficarem mais restritas ao curso, pela própria modalidade, há um distanciamento entre o professor e o cursista. (PF3).

Esses professores tomam como base para a modalidade presencial e, avaliam o relacionamento professor-aluno na modalidade a distância como mais “distante”, com menor contato. Essa falta de “aproximação”, por parte do aluno, pode ser gerada pela falta do domínio da linguagem escrita, como ressalta o professor 2 em outro trecho de sua resposta.

No curso a distância eu sinto, às vezes, dificuldades dos alunos se aproximarem para fazer perguntas pelo fato de eles terem que escrever essas mensagens ou, também, pelo fato de eles muitas vezes tentarem se expressar pela escrita, mas não conseguirem se aproximar do professor, por não terem uma facilidade para escrever, ou, de repente, por acharem que são adultos e são professores eles não poderiam ter essas dúvidas que eles têm. (PF2).

A predominância da comunicação pela escrita retratada por PF2 traz algumas implicações. Como observa Lévy (1993, p.88 apud MILL, 2009, p. 41), “a escrita, ao intercalar um intervalo de tempo entre a emissão e a recepção da mensagem, instaura a comunicação diferida, com todos os riscos de mal-entendidos, de perdas e de erros que isso implica”. Esse fato pode contribuir, em certo grau, para o distanciamento mencionado por PF2, o que, conseqüentemente, pode acarretar em

⁸ Embora tenhamos entrevistados professores do sexo feminino e masculino, referimo-nos aos participantes sempre no masculino, com único intuito garantir proteção a suas identidades.

barreiras na aprendizagem, pois como afirma ele, eles podem deixar de questionar por não terem facilidade em se expressar por escrito.

Ao dar voz a esses pré-construídos, esses professores são interpelados por eles, construindo, em seus dizeres, identidades para si mesmos, para o curso e para a modalidade a distância, que legitimam/reefirmam esses pré-construídos que, por sua vez, estão tão arraigados no ambiente educacional. Mesmo aqueles professores que discordam que a interação na modalidade a distância pressuponha um distanciamento, admitem que essa era a expectativa deles antes de assumirem as salas virtuais. Vejamos um exemplo.

Eu mesma no começo achava que seria bem diferente, que seria um relacionamento frio e, com a prática eu percebi que, às vezes a gente acaba tendo mais contato com alguns alunos na modalidade a distância do que ensino presencial. (PF7).

No excerto acima, PF7 desmitificou o pré-construído de que na EAD o relacionamento é distante depois de assumir uma rotina como tutor e acrescenta, ainda, que pode até haver um maior contato na modalidade a distância do que na presencial. A força do pré-construído que se materializa no discurso desses PFs é tamanha que até mesmo um sujeito preocupado em não passar esse pré-construído a diante desliza ao falar do encontro presencial que se pode ter no final do curso.

*[...] A distância, é possível também construir laços, construir ligações, porque o discurso que se tem na troca de e-mails ou no bate-papo, no fórum, é você fortalecer a ligação. [...] você traz os seus discursos, os seus textos e constrói laços com os alunos, você tem algo **muito parecido com o presencial**. Porém, esse laço afetivo, ele é ainda **mais fortalecido** quando você **encontra esses alunos** a distância [...] porque aí você tem a materialização do ser. Enquanto você tinha apenas um ser imaginário ou fotográfico, porque há um espaço dentro da ferramenta para que você coloque a sua fotografia e dados, para que você construa discursivamente quem você é, para se apresentar para o outro. Embora haja essa ferramenta, percebe-se que, **ao encontrar essas pessoas, você tem outra perspectiva**. (PF6, grifos nossos).*

Vemos que PF6 não afirma que a ligação entre professor e aluno é a igual nas modalidades presencial e a distância, contudo é “muito parecido”. O modo como isso é colocado produz um efeito de sentido de que quanto mais parecido com o presencial, melhor, considerando, assim, o presencial como “mais próximo”, legitimando o pré-construído de que em EAD a relação professor-aluno é esfriada pela própria composição/características da modalidade. PF6 sugere, ainda, que um encontro face-a-face pode fortalecer ainda mais os laços afetivos construídos no decorrer do curso e, nesse encontro, tem-se um outra perspectiva sobre o ser com que se relacionou durante o processo de formação.

Na contramão desse posicionamento que defende a afetividade e a proximidade, há um PF que avalia o distanciamento entre professor e aluno como positivo.

Todas as questões emocionais que envolvem o contato direto entre o professor e o aluno não existem e se existem, são mínimas. Assim, eu acho que isso é uma facilidade. (PF4).

Ao falar sobre uma questão que PF4 considera um facilitador na EAD, ele (re)afirma o pré-construído da relação professor-aluno distante nessa modalidade, pois afirma que as questões emocionais nessa relação “não existem e se existem, são mínimas”.

O PF5, cuja resposta não trouxemos para a análise, apontou diferenças entre as modalidades presencial e a distância, mas não mencionou a relação professor-aluno. Por isso, não contemplando os critérios de seleção de *corpus* para este trabalho, sua resposta não pode ser analisada. O PF1 foi o único que afirmou que não tem diferença na relação professor-aluno nas modalidades presencial e a distância.

O relacionamento é praticamente o mesmo. Tem que ser o mais presente possível, apesar de ser a distância, tentar manter a relação. (PF1).

4 Considerações finais

Os discursos proferidos pelos professores formadores constroem diferentes e contrastantes identidades para o profissional que se vê, a todo momento, na modalidade de ensino a distância, entre o distanciamento e a proximidade de suas práticas tradicionais.

Foi possível observar a recorrência de dois pré-construídos ancorados na noção de interação entre professor-aluno: um de proximidade, outro de distanciamento. Eles estão presentes em todos os discursos aqui analisados, tanto naqueles que afirmam quanto naqueles que negam sua existência/necessidade. O pré-construído de que em EAD a relação professor-aluno é distante, fria, só não esteve presente no discurso de um dos professores entrevistados. No dos demais, pudemos observar uma expectativa, por parte dos professores, de se um relacionamento igual ou semelhante ao que ele tem com os alunos na modalidade presencial. Essa expectativa demonstra que a identidade do professor que atua na modalidade a distância se embasa em identidades e pré-construídos sobre a relação professor-aluno na modalidade presencial. Por isso, quando essas expectativas não se concretizam, causam no professor um incômodo, uma sensação de falta.

Referências

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LOWES, S. Online teaching and classroom change: The trans-classroom teacher in the age of the internet. *Innovate* 4 (3). 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos da Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MILL, D. Educação virtual e virtualidade digital: trabalho pedagógico na educação a distância na idade média. In: SOTO, U.; MAYRINK, M. F.; GREGOLIN, I. V. (orgs.). *Linguagem, educação e virtualidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 29-52.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. *Educação a distância: uma visão integrada*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HACK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. 4 ed. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2009. Cap. 10, p. 353-391.

SALINAS, J. Organización escolar y redes: Los nuevos escenarios del aprendizaje. En CABERO, J. y MARTÍNEZ, F. (Coord.): *Nuevos canales de comunicación en la enseñanza*. Centro de Estudios Ramón Areces: Madrid, 1995. p. 89-117.

VALENTE, J. A. Curso de Especialização em desenvolvimento de projetos pedagógicos com o uso de novas tecnologias: descrição e fundamentos. In: VALENTE, J. A.; PRADO, M. E. B. B.; ALMEIDA, M.E.B. (orgs.) *Educação a Distância via Internet*. São Paulo: Avercamp, 2003